

**DESCONTINUIDADES TEXTUAIS NA *ECLOGA PRIMA* (Séc. V):
UMA BREVE ANÁLISE PALEOGRÁFICA**

Ariel Montes Lima (UFMT)
gabrielafelipe0308@gmail.com

RESUMO

O presente artigo busca relatar as descontinuidades no texto da *Ecloga Prima* encontrados no códice manuscrito *Vergilius Romanus* (Séc. V). Dividimos nosso relato em três categorias analisáveis: equívocos do escriba e dificuldades com abreviaturas; degradações materiais e alterações ortográficas e evoluções da língua latina. Para contrastar o último tópico, foi feita uma análise lexical usando a edição de 1784 das *Éclogas* atribuída a Petrus Burmannus. A metodologia empregada foi a análise documental aliada à investigação bibliográfica. Pudemos constatar ao fim da pesquisa, uma série de idiosincrasias próprias do texto manuscrito que o tornam virtualmente distinto do texto como abstração socialmente compartilhado.

Palavras-chave:

Descontinuidade textual. *Éclogas* latinas. *Vergilius Romanus*.

ABSTRACT

The present article aims to report the discontinuities in the text of *Ecloga Prima* found in the manuscript codex *Vergilius Romanus* (5th century). We have divided our account into three analyzable categories: scribe errors and difficulties with abbreviations; material degradations and spelling changes; and evolutions of the Latin language. To contrast the last topic, a lexical analysis was conducted using the 1784 edition of the *Eclogues* attributed to Petrus Burmannus. The methodology employed was documentary analysis combined with bibliographic investigation. At the end of the research, we were able to observe a series of idiosyncrasies inherent to the manuscript text that make it virtually distinct from the text as a socially shared abstraction.

Keywords:

Latin Eclogues. Textual discontinuity. *Vergilius Romanus*.

1. Introdução

O presente artigo busca analisar as descontinuidades textuais presentes na *Ecloga Prima*, do livro *Bvcolica* – obra escrita pelo poeta mantuano Públio Virgílio Maro. Para tanto, empregamos como fonte primária o manuscrito do Séc. V de nome *Vergilius Romanus*, disponível *on-line* em edição fac-similada na Bibliotheca Apostolica Vaticana (cód. 3867), fólhos 01 recto-03 verso.

Nosso objetivo é apresentar e diferenciar os múltiplos fatores de interferência encontrados na materialidade do texto. Dessa maneira, não nos deteremos sobre aspectos relativos às constituições literárias ou transcendentais da obra.

Pelo contrário, almejamos trabalhar com a natureza “telúrica” do manuscrito. Tomamos tal decisão fundados na necessidade de estabelecermos fontes seguras para a futura análise em níveis mais sutis, uma vez que a corrupção do texto material por diferentes fatores é uma dificuldade inelutável ao longo de sua transmissão pela história (Cf. CAMBRAIA, 2005).

Nosso trabalho, nessa perspectiva, busca apresentar as discontinuidades textuais supracitadas a partir de três categorias: equívocos próprios do escriba, corrupções no material onde se encontra o texto e mudanças linguísticas que acarretaram modificações na transição da língua latina clássica ao latim hoje estudado.

Para a execução do trabalho, optamos por não enfatizar o fato de as letras (ramistas do século XVI) [j] e [u] não existirem no Latim Clássico, uma vez que esse é um tema tangencial à análise paleográfica aqui proposta.

1.1. Os cochilos dos escribas e as abreviaturas

Um dos primeiros pontos a ser discutido na análise textual é o grau de correção empregado por um escriba no seu labor. A esse respeito, cumpre enfatizar que o documento aqui analisado é um trabalho alógrafo; a saber, uma “cópia do texto de um autor manuscrita por outra pessoa” (GLOSSÁRIO, 2023). Dessa maneira, à confiabilidade dada ao texto antecede o prisma da reticência.

Ademais, acerca de tal labor, “um escriba de um manuscrito do séc. IX também não tinha uma visão ‘suave e leve’ do acto de escrever; comparava-o ao duro trabalho dos campos” (SANTOS, 1994, p. 64). Desse modo, seria incorreto concluir que o trabalho nos *scriptoria* oferecia suficiente bem-estar laboral para a produção dos códices completamente desprovidos de erros particulares ao ato mecânico de escrever, ainda que saibamos que “os escribas, os mestres de caligrafia e os impressores não se acomodaram nunca” (GOMES, 2018, p. 291).

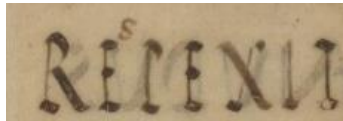
Dessa maneira, elencamos abaixo os possíveis equívocos do copista, bem como algumas das abreviaturas presentes no texto da *Écloga Primeira*:

Figura 1.



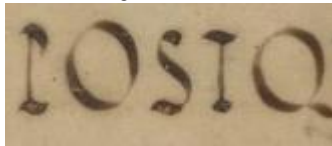
No fólho primeiro, linha 06, o escriba emprega a contração DS para se referir à palavra Deus. Embora seja uma abreviatura, no verso seguinte e no v. 09 do verso do primeiro fólho, ele escreve por extenso tal vocábulo (DEVVS na grafia da época). Pode-se teorizar, entretantes, que semelhante emprego tenha visado manter a configuração justificada do texto.

Figura 2.



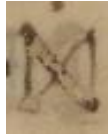
No v. 02 do segundo fólho – recto, podemos perceber o erro do escriba ao escrever *repexit*. Posteriormente, dada a percepção do engano, foi enxertado um pequeno “s”. Com isso, corrigiu-se o vocábulo para *respexit*. Houve aqui um provável erro (*mendum*), uma emenda. O manuscrito pode ter sido revisado por outro copista mais experiente

Figura 3.



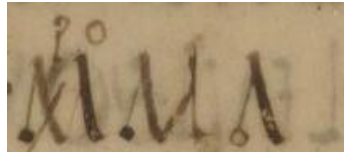
No v. 04 do mesmo fólho, há a contração do termo *postque* para *postq*.

Figura 4.



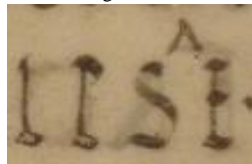
No oitavo verso do fólio segundo – recto, percebe-se que o escriba grafou um sinal incorreto; não pertencente ao texto. Para corrigir-se, então, sobrescreveu-o com outro traço indicando o erro. O sinal acima demarca, desse modo, um signo não pertencente ao texto, que se segue naturalmente após o sinal em questão.

Figura 5.



Adiante, no v. 10 do mesmo fólio, o escriba cometeu outro erro ortográfico. O vocábulo correto *poma* foi primeiramente grafado como *MMA*. Diferente do equívoco anterior, porém, aparentemente percebido em tempo (antes de completar a linha), esse só foi depreendido depois de preenchido o espaço do fólio referente ao verso. Assim, para corrigir-se, o escriba riscou o primeiro *M* e escreveu em letra menor, acima desse, a sílaba *po*. Nota-se, no entanto, que a caligrafia empregada na segunda escrita -assim como na figura 2- é diferente da original. Isso reforça a possibilidade de que a última tenha sido escrita por um outro escriba mais experiente.

Figura 6.



Um equívoco semelhante ocorreu no v. 11, no qual o profissional da escrita escreveu originalmente *ipse*. Contudo, o termo foi alterado para *ipsae*, tendo sido o *a* incluído posteriormente no texto também em caligrafia reduzida. É possível, todavia, que semelhante alteração tenha ocorrido em função da grafia da época, não sendo, necessariamente, um engano do escriba.

Figura 7.



Por fim, no espaço precedente aos versos 10-11 do terceiro fólio-recto, notam-se raspados as abreviaturas *TIT*, de Tityrus e *MEL*, de Meliboeus. Percebe-se que os nomes foram raspados diagonalmente, debaixo para cima com leve inclinação para a direita.

1.2. Degradação material

Outro aspecto de fundamental importância no nível dos estudos filológicos é a questão da preservação dos textos enquanto fonte material. Na realidade, como assevera Marcotulio *et al.* (2018), o material que temos à disposição não se compõe de

[...] textos completos, [...] mas textos que apresentam alguns impedimentos ao global, como manchas, rasuras, fragmentos deteriorados pela falta de conservação adequada ou sequências inacabadas. Trabalhamos sempre com o material disponível e tentamos fazer o melhor uso dele, de modo a cumprir o nosso objetivo maior, que é o estudo da história da língua a partir da documentação disponível. (MARCOTULIO *et al.*, 2018, p. 49)

Por esse motivo, cabe salientarmos que, embora o texto em seu aspecto imaterial das *Bucólicas* virgilianas tenha sobrevivido ao tempo, o mesmo não se pode dizer sobre o manuscrito que aqui tomamos como fonte primária de estudo.

Em relação ao ponto anterior, também é relevante destacarmos que esse manuscrito representa uma das fontes mais bem preservadas no campo de estudos em questão. Todavia, tanto o fazer mecânico da escrita executada por sujeitos humanos dela encarregados quanto o influxo temporal; as travessias espaciais executadas pelo manuscrito; a qualidade do material e outros múltiplos fatores justapostos na história desse texto contribuem para que sua materialidade não corresponda ao seu ideal enquanto obra literária.

Evidentemente, na verdade, é mister que tomemos como distintos os objetos “texto” e “obra”, pois aqui – ressaltado – nos detemos sobre o aspecto físico do texto e não sobre a obra poética de Virgílio. Diferentes fatores corroboram para tal escolha teórica. O principal deles é que nossa análise não possui cunho literário, mas filológico. O segundo mais importante é que não dispomos de um manuscrito do próprio autor que nos permita conhecer a originalidade do trabalho poético do mantuano.

Assim sendo, demarcamos os pontos do texto em que a leitura não foi possível em razão da má conservação da escrita:

Figura 8.



O primeiro termo incompreensível foi encontrado no v. 04 do fólio primeiro – recto. Podemos depreender algumas formas gráficas como contornos de letras. O final do termo também pode ser identificado como *MVS* sinalizando ser um verbo conjugado na 1ª pessoa do plural. No entanto, a integralidade do sintagma não foi compreendida.

Figura 9.



No v. 05 do mesmo fólio encontramos o mesmo problema. O sintagma integral não pode ser compreendido, nos restando apenas o fragmento final – *sonare*. A marcação final *-are* indica desinência verbal em forma infinitiva.

Figura 10.



Mais adiante, no v. 06 também do primeiro fólio, pudemos encontrar uma série de degradações que obstaculizou uma parte significativa da compreensão da sentença. Percebe-se que o material usado está bastante fragilizado pelo tempo, tal que se tornou bastante fino. Isso levou à presença constante de sombras das letras contidas no lado oposto do fólio.

Figura 11.



Finalmente, no v. 07 do presente fólio, foi percebida a degradação quase completa da sentença nele contida.

Acerca de tal tema, cumpre enfatizarmos que, dentro dos limites aqui estabelecidos a partir da extensão da *Écloga Primeira*, apenas o fólio 01 – recto apresentou degradações significativas para impedir a compreensão de elementos fundamentais. Os demais fólios, pelos quais se estendia o poema, apresentaram bom estado de conservação com eventuais sombreamentos – cuja presença não impediu a leitura-.

1.3. Alterações ortográficas e evoluções da língua latina

Nesta última sessão, cumpre destacarmos que o latim aqui analisado é a variação linguística alcunhada Latim Clássico, variante usada do Séc. I a. C. – III/IV d. C. (WEISS, 2009).

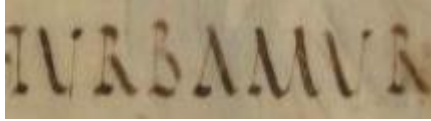
Ademais, sabemos que:

O LC é o latim que possui a maior produção de textos, não apenas porque o período foi muito frutífero (Júlio César, Virgílio, Ovídio, Cícero etc.), mas também porque muitos autores posteriores procuraram imitar a língua dessa época. (DRIGO, 2017, p. 121)

Além disso, podemos perceber que a configuração lexical empregada no texto não corresponde àquela do Latim Tardio, usado do Séc. IV-VII d. C. Tais distinções serão apresentadas em seguida. Para tanto, nos

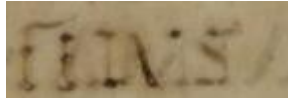
baseamos na edição semidiplomática datada de 1784 do editor Petrus Burmannus.

Figura 12.



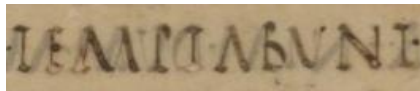
No v. 03 do fólíio 01 – verso, encontramos o vocábulo *TURBAMVR*. Posteriormente, se tornaria *turbatur* (havendo passagem da 1ª p. do pl. para a 3ª do sg). O câmbio de [v] para [u] não teve natureza fonética, mas apenas ortográfica, (já que “V” era a forma maiúscula de “u”) e, certamente, considerou-se a necessidade de diferenciação entre vogal e consoante. Contudo, esse aspecto não é tomado em conta.

Figura 13.



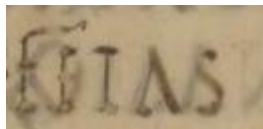
Outro termo cuja escrita se alterou foi *FETVS* (v. 12, idem), tornado *foetus*.

Figura 14.



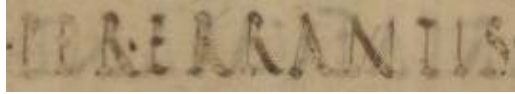
No v. 04, fólíio segundo- verso, encontra-se o vocábulo *TEMPTABVNT*, o qual passou por simplificação e tornou-se *tentabunt*.

Figura 15.



No mesmo verso, a palavra *FETAS* se alterou para *foetas* na edição de Burmannus.

Figura 16.



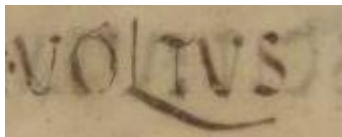
Já no v. 16 do mesmo fólio, o termo *PERERRANTIS* perdeu a marca de nasalização, tornando-se *pererratis*.

Figura 17.



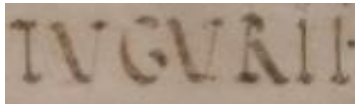
Já ao fim do mesmo verso, percebemos a posterior inserção da consoante [s] no vocábulo *EXVL*, que se tornou *exsul*.

Figura 18.



Ainda no mesmo fólio, no v. 18, nota-se a mudança da palavra *VOLTVS* para *vultus* na edição de 1784.

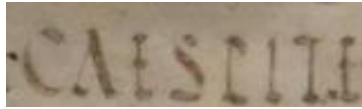
Figura 19.



Afinal, no v. 05 do fólio terceiro – recto, há o termo *TVGVRII*. Posteriormente, esse termo seria grafado como *tugurî*. Trata-se de uma marcação de vogal longa: algo representado no manuscrito pela repetição da letra. Posteriormente, usar-se-ia o acento mácron [ī] para fazer a mesma

representação. Autores como Ørberg (1991) e Rónai (1954) empregam tal notação em seus livros didáticos.

Figura 19.



Por fim, a palavra *CAESPITE*, presente no mesmo verso da anterior perde a ditongação, tornando-se simplesmente *cespite*.

2. Conclusão

No presente artigo, buscamos apresentar as diferentes discontinuidades presentes no texto da *Ecloga Prima* (f. 01 r. – 03 v.). Para tanto, diferenciamos tais irregularidades em três categorias:

1. Equívocos do escriba e abreviaturas;
2. Degradação material e
3. Evoluções linguísticas e alterações ortográficas.

No primeiro tópico, assinalamos as correções tardias realizadas após a escrita incorreta, as marcas de raspagem no papel efetuadas após grafia em lugar equivocado e um exemplo de abreviação. Nossa escolha por inserir esse último exemplo se deve ao fato de que o escriba – embora haja abreviado o termo no verso em questão- usa por mais duas vezes, no mesmo fólio, a palavra escrita por extenso.

No segundo tópico, apresentamos os trechos do material cuja leitura não foi possível em razão da degradação material do texto. Nesses trechos, as letras se encontravam desbotadas ou o afinamento do substrato provocou o aparecimento das sombras dos grafos presentes no lado oposto do fólio.

Finalmente, no terceiro tópico, destacamos as palavras cuja escrita se encontra de uma forma no códice, porém, com a evolução da língua latina, adquiriram nova ortografia. O modelo contrastivo empregado foi a edição de 1784 das *Éclogas* atribuída a Petrus Bumannus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMBRAIA, César. Nardelli. *Introdução à crítica textual*. Martins Fontes. São Paulo, 2005.

DRIGO, J. As Línguas da Itália Antiga: um Breve Panorama. *Mare Nostrum*, [S. l.], v. 8, n. 9, p. 117-30, 2018. DOI: 10.11606/issn.2177-4218.v8i9p117-130. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/marenostrium/article/view/143316>. Acesso em: 20 de fev. de 2023.

GLOSSÁRIO DE CRÍTICA TEXTUAL. Universidade de Nova Lisboa-Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/invest/glossario/glossario.htm>. Acesso em 17 de fev. de 2023.

GOMES, S. A. Paleografia: passado e presente. In: LOSE, A.D.; SOUZA, A.S. de. *Paleografia e suas interfaces*. Salvador: Memória & Arte, 2018.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz *et al.* *Filologia, história e língua: olhares sobre o português medieval*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018.

ØRBERG, Hans. *Lingva latina per se illvstrata: pars i familia romana*. Officina Typographica Special-Trikkerit Viborg, 1991.

RÓNAI, Paulo. *Curso Básico de Latim I – Gradus Primus*. 5. ed. Cultrix, São Paulo, 1954.

SANTOS, Maria José de Azevedo. *Da visigótica à carolina: a escrita em Portugal de 882 a 1172 (aspectos técnicos e culturais)*. Coimbra: Calouste Gulbenkian; Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica. 1994.

Outras fontes;

VERGILIUS ROMANUS. Bibliotheca Apostolica Vaticana. Vat.lat.3867. Disponível em: [Vat.lat.3867 | DigiVatLib](http://vatlib.it/VatLat/3867).

VIRGILIUS. Ex-Ed. BURMANNUS, Petrus. *Bvcolica, Georgica et Aeneis*. Glasgae: in aedibus academicis, excudebat Andreas Foulis, Academiae Typographus. M.DCC.LXXXIV. Glasgae, 1784. Disponível em: [Publii Virgilii Maronis Bucolica, Georgica et Aeneis. Ex editione Petri Burmanni - Publius Vergilius Maro – Google Livros](https://books.google.com.br/books?id=PubliiVirgiliiMaronisBucolicaGeorgicaetAeneisExeditionePetriBurmanni-PubliusVergiliusMaro). Acesso em: 26 de out. de 2022.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

WEISS, Michael. *Outline of the Historical and Comparative Grammar of Latin*. New York/Ann Arbor: Beech Stave Press, 2009.